

Um susto ou um incipiente despertar?

Fernando Alberto Dutra Fernandes¹

Fomos assolados no último mês por um furacão chamado “caminhoneiro”. Uma classe profissional assolada por uma pressão natural de custos crescentes e preços dos seus serviços corroídos, e aqui não falo sobre os empresários do setor, mas dos pais de família que vivem à mercê das pressões sobre os preços de seus serviços em contraponto aos custos galopantes, tributos imorais e mercados deprimidos.

Uma solução construída a partir do vazio de políticas públicas e fiscais tenta resolver o impasse e leva esses profissionais sacrificados a serem vítimas de uma ilusão de que sejam possíveis acordos que enganem o ritmo metabólico e inexorável da livre concorrência em uma economia de mercado como a nossa.

Talvez políticas econômicas ortodoxas que se adotem possam funcionar em economias absolutamente administradas, onde a força do poder é o maior pilar e argumento de sua sustentação, mas não é essa a proposta e a política aplicadas na economia brasileira. Os economistas de plantão, sejam eles estrelados, meramente graduados ou simplesmente intuitivos, estão absortos diante de tanta ignorância sobre os fundamentos de teorias macroeconômicas.

Não se consegue concluir ainda se as providências e acordos, porque não podemos falar de políticas, aplicadas de supetão por nosso governo, vão durar algum tempo ou se vão morrer em seu nascedouro. É como se querer instituir o fim da fé, a redução da luz do sol ou a mudança das estações lunares com uma canetada. Não é possível que alguém consiga acreditar que isso possa ter eficácia.

O mercado é dinâmico e somente responde as suas próprias leis. Não obedece a decretos ou a tinta de caneta, mesmo que esta seja de ouro, no mais tudo é festa para iludir a pobre nação brasileira, onde a bravata impera e a ilusão é moeda de troca de uma política corrupta e casuísta.

Tudo isto é consequência de um Estado sequestrado por delinquentes forjados na vida pública, onde os propósitos de se alcançar o bem comum é o último objetivo e o que impera são os anseios da satisfação dos interesses próprios. O pior é que isso não se restringe somente aos homens vis que representam algumas das classes de poder, mas se enraíza também por uma extensa parte de um povo que vem sendo privado de um amadurecimento social que somente a educação bem sustentada por boas políticas públicas pode proporcionar.

Veremos nos próximos dias ou meses mais uma derrocada dessas políticas casuísticas que não se sustentam porque desprovidas de fundamento econômico, que buscam esconder a inépcia e a ignorância de um governo afundado na lama da corrupção, não diferente dos anteriores, mas que teima em querer manter-se vivo iludindo e iludindo-se.

Talvez haja luz adiante, eleições teremos em breve, mas, quando olhamos para os agentes de uma possível transformação social e política no Brasil, esbarramos na ausência de personagens que inspirem confiança, mas também num povo que, infelizmente, em uma grande proporção, não preza pela ética ampla nos seus fundamentos relacionais

¹ Doutorando em Ciências Jurídicas e professor dos cursos de Administração e Ciências Contábeis do UNIFESO. E-mail. fernandes.fads@gmail.com

mínimos, não por sua culpa exclusiva, mas por consequência de um catecismo social e político que foi induzido a praticar no decorrer dos tempos com regras e costumes que cegam a reflexão e induzem se acreditar em ilusões.

Dias novos hão de vir! Quando? Não se sabe. Uma única coisa é previsível: somente depende de cada um de nós a mudança. Não com a ilusão de uma democracia corrompida e o exercício de um voto salvador, não somente! Mas com a conscientização da necessidade de reforma da própria conduta, reforma dos próprios costumes, percepção das práticas nocivas ao bem comum e a seu combate incessante, assim como uma busca irrisignável da autoeducação. Essas conquistas poderão forjar homens novos que exaltem o bem comum e trabalhem para e pelo povo, num diapásão harmônico com a natureza humana e as forças sociais indispensáveis.